



INTERNACIONAL

Ano I Nº 239
13 de Junho de 2007

Índice

Lula, metalúrgico nº 1, abriu o Congresso	01
Seminário Internacional discutiu a Globalização	01
Metalúrgicas querem mais voz ativa	03
Perfil dos Metalúrgicos Brasileiros	03

Presidente Lula, metalúrgico nº 1, abriu o Congresso

Convidado de honra, presidente Lula abriu o 7º Congresso dos Metalúrgicos da CUT

Aclamado pelos delegados como o metalúrgico número 1 do Brasil, o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva foi o convidado de honra da Confederação Nacional dos Metalúrgicos para a abertura do 7º Congresso dos Metalúrgicos da CUT.

Em um discurso de 50 minutos, durante o evento que é realizado no hotel Caesar Park, na cidade de Guarulhos-SP, o presidente lembrou os tempos de militância política no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, os desafios enfrentados desde os tempos em que trabalhava como metalúrgico e, atualmente, como presidente do Brasil.

Momento de descontração - O presidente da CNM/CUT, Carlos Alberto Grana, perguntou aos delegados se eles aceitariam que o presidente Lula continuasse como presidente de honra da Confederação: a aprovação foi unânime. Em seguida, Lula ganhou um boné da CNM/CUT.



O presidente afirmou que os metalúrgicos estão na vanguarda do sindicalismo e atentou para a evolução da atuação da categoria para a conquista dos direitos. *(Valter Bittencourt - Assessoria de Imprensa) (CNM/CUT, 12.06.2006)*

Seminário Internacional discutiu a Globalização

Antecedendo ao 7º Congresso, realizou-se no Caesar Park o Seminário Internacional "Política Industrial, Desenvolvimento e Ação Global dos Sindicatos e Redes de Trabalhadores".

O evento foi aberto pelo companheiro Valter Sanches, secretário geral da CNM/CUT e por Reiner Radermacher, da Fundação Ebert, que também promoveu o seminário. Sanches lembrou seus antecessores no cuidado da política externa da CNM, destacando especialmente o saudoso companheiro Ferreirinha. Ele destacou a presença dos delegados internacionais dos sindicatos, das confederações e da FITIM (mais de 40 delegados de 16 países), ressaltando a importância da solidariedade internacional para os metalúrgicos brasileiros.

O primeiro painel sobre a política externa do governo Lula e seus reflexos para os trabalhadores contou com a brilhante intervenção do professor Marco Aurélio de Almeida Garcia, assessor chefe da Presidência da República para Assuntos Internacionais.

Na sua opinião o principal qualidade do governo Lula tem sido a de recuperar o controle sobre as decisões das políticas para o País . “A recuperação da soberania nacional constitui-se num importante fator na luta contra a pobreza” .

Ele mostrou que a preocupação primeira da política externa brasileira tem sido o espaço sul-americano. Destacou a tarefa de reconstrução do Mercosul – “para além do apenas comercial” e a constituição do Unasur, a União das Nações Sul-americanas . O dialogo com o Sul não se restringe apenas ao nosso espaço – ele lembrou que o presidente Lula já visitou 17 países da África e dá grande importância para a articulação chamada de IBAS, da Índia, Brasil e África do Sul.

No plano multilateral ele ressaltou a atuação do Brasil na Rodada de Doha da OMC . Enfatizando que “ trata-se da Rodada do Desenvolvimento” ele destacou que pela primeira vez o Brasil, junto com o G20, tinha uma participação ativa nas decisões da OMC, “deixando de ser um mero espectador das discussões dos países ricos”.

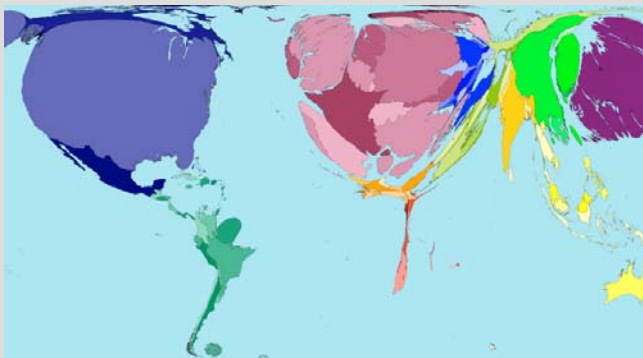
Finalizando, Marco Aurélio disse que para o governo “a criação de uma perspectiva de pós-neoliberal era avalizada pelo cumprimento das suas responsabilidades (no país e na região)”, destacando a importante recuperação da renda dos trabalhadores brasileiros e do emprego no País.



Em seguida à fala de Marco Aurélio iniciou-se o segundo painel sobre as experiências sindicais. O primeiro a fazer uso da palavra foi o companheiro Raul Oviedo da Unión Obrera Metalurgica da Argentina.

Oviedo centrou sua intervenção na importância que as lutas populares e sindicais tiveram na Argentina para tirar o País da falência que as políticas neoliberais trouxeram. Ele falou da forte recuperação que a economia argentina está sentindo mas que preocupa “o grande déficit comercial que o País tem com seu principal parceiro, o Brasil, não pelo seu valor mas pelo fato que as exportações argentinas são de bens primários e suas importações de bens com forte valor agregado”.

Falou em seguida o companheiro Erland Lindkvist do sindicato sueco IF Metall. Fazendo uma ampla exposição sobre as debilidades do processo de globalização e da necessidade que os “negócios encarem a sua responsabilidade social” para mudar essa situação, Erland impressionou a platéia com os mapas de sua apresentação.



Segundo ele “uma forma nova de ver o mundo”, onde os continentes foram apresentados não pelo tamanho de seus territórios mas proporcionalmente a outros fatores, como o exemplo ao lado, onde eles estão proporcionais à sua participação na riqueza global.

O painel encerrou-se com a intervenção do companheiro Marcello Malentacchi, secretário geral da FITIM.

O espaço é curto para resumir a riqueza da intervenção do companheiro Malentacchi. Ele definiu em três pontos a atuação internacional dos metalúrgicos : em primeiro lugar, a questão da criação de empregos deve ser o centro de todas as organizações sindicais, inclusive das internacionais. Não apenas a quantidade de empregos, mas a qualidade dos empregos deve absorver a atividade sindical. Em segundo lugar a garantia de padrões mínimos de direitos trabalhistas para todos. Em terceiro lugar, fazer com que as organizações internacionais (FMI, Banco Mundial e OMC) façam o que são suas obrigações. Ele ressaltou que essas lutas se dão no plano nacional, e encerrou com um apelo aos delegados presentes : Mobilizem-se no plano nacional para que possamos agir no plano internacional “.

Metalúrgicas querem mais voz ativa

Nenhuma vaga destinada às mulheres - no sistema de cotas - em congressos e seminários da categoria metalúrgica poderá ser substituída por um homem. Sonho? Não. Esta foi a principal resolução da 1ª Conferência Nacional das Trabalhadoras Metalúrgicas da CUT e que será levada ao 7º Congresso Nacional dos Trabalhadores Metalúrgicos da CUT. O Congresso está acontecendo em Guarulhos, São Paulo, até sexta-feira (15).



1ª Conferência Nacional de Mulheres Metalúrgicas

Cem mulheres de 96 sindicatos de metalúrgicos de todo o Brasil, que se reuniram nos dias 11 e 12/06, querem tornar essa resolução uma decisão do 7º congresso para a toda a categoria. As mulheres refletiram sobre as questões de gênero na sociedade e, principalmente, nas relações de trabalho e querem mais espaço político-sindical.

Voz e voto - Segundo a secretária de mulheres da CNM, Emília Valente, esse foi o primeiro encontro em que as mulheres metalúrgicas puderam discutir seus problemas, falar e votar. 'Antes elas entravam mudas e saíam caladas. Durante dois dias, nos mulheres pudemos falar e discutir, expondo as dificuldades de participação em suas categorias', contou Emília, explicando que a maioria das participantes ocupa o primeiro mandato em suas bases sindicais. Ela destacou que as mulheres metalúrgicas voltam para casa e para os seus sindicatos mais dispostas, sabendo que não estão sozinhas, e com energia para conquistar novas companheiras.

Emília disse que as mulheres metalúrgicas querem ratificar a garantia de participação das mulheres em todos os eventos em que tenha o sistema de cotas, com uma diferença: os sindicatos e as confederações que não conseguirem atingir a suas cotas de participação, não poderão complementar com os homens. 'Os homens estão ocupando as vagas que seriam destinadas às mulheres. Nosso objetivo é que os sindicatos envolvam as mulheres, sindicalize as trabalhadoras e promova cursos de formação sindical. Os homens não vão perder vagas, mas vão deixar de ganhar'.

Para a secretária, a resolução poderá melhorar e aumentar a participação do setor feminino. Quando os homens não puderam substituir as vagas das mulheres, vão se preocupar mais com o problema. 'Nós acreditamos que as mulheres não participam mais nas direções dos sindicatos e nos debates políticos porque não têm oportunidade. O Sindicato dos Metalúrgicos é visto como um sindicato só de homens, mas não é', criticou Emília.

Salário Igual para trabalho igual também foi um ponto. O Contrato Coletivo Nacional de Trabalho - principal pauta de discussão no 7º Congresso - tem que ter garantido as questões de gênero, como a creche. Emília relatou ser esta uma grande bandeira história da luta da mulher trabalhadora, pois na maioria dos Acordos e Convenções Coletivas de Trabalho, os sindicatos garantem o benefício, mas limitado, seja no valor reembolsado ou na idade dos filhos. É preciso garantir e ampliar o benefício para todos os filhos. *(Colaborou Tânia Trento) (Assessoria de Imprensa) (CNM/CUT, 12.06.2006)*

Perfil dos Metalúrgicos Brasileiros

Estudo do Dieese traça perfil de 1,8 milhão de metalúrgicos que trabalham no país

Três décadas depois de escreverem uma das páginas mais importantes da história do movimento sindical no país, os metalúrgicos enfrentam novos desafios. A categoria agora tenta manter o poder aquisitivo conquistado após as greves no final da década de 70 e a luta para combater as desigualdades no mercado de trabalho.

Essas são as principais conclusões de um estudo feito pela Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CNM) e pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese). O levantamento traçou um perfil de 1,805 milhão de metalúrgicos que trabalham no Brasil.

Segundo o documento, em 30 anos, os metalúrgicos sofreram com o fechamento de postos de trabalho e com a queda dos salários. "Somente com o crescimento econômico dos últimos anos, os sindicatos puderam aumentar a pressão e a categoria começou a retomar o poder aquisitivo e a reconquistar espaço no mercado", afirma o presidente da CNM, Carlos Alberto Grana.

De acordo com o Dieese, do início de 2003 até abril de 2007, o setor registrou saldo positivo de 423,7 mil novos empregos formais. Esse número representa uma recuperação em relação à trajetória de queda nos oito anos anteriores. Conforme o estudo, entre 1995 e 2002, esse índice ficou negativo, com a eliminação líquida de 91,6 mil postos de trabalho.

Segundo a socióloga e técnica do Dieese Adriana Marcolino, a geração de empregos poderia ser ainda maior se a jornada de trabalho fosse reduzida de 44 horas para 40 horas semanais. "Isso resultaria em mais 135 mil postos de trabalho", estima. Ela diz ainda que a criação de postos poderia ser dobrada caso fossem controladas as horas extras na indústria metalúrgica.

Em relação ao nível salarial, o levantamento também aponta melhoria, mas não em nível suficiente para recompor a renda média da categoria, que sofreu deterioração na última década. O estudo constatou aumento real (acima da inflação) de 6,79% nos últimos quatro anos. Apesar disso, a remuneração média da categoria, em 2005, equivalia a 81% do que os metalúrgicos recebiam em 1995. Em 2003, essa proporção chegou a 76%. Atualmente, o salário médio de um metalúrgico está em R\$ 1.670 mensais.

Segundo Carlos Grana, um dos fatores que prejudica a reposição salarial é a alta rotatividade no mercado de trabalho. "Como muitos metalúrgicos não ficam muito tempo no emprego, esse movimento intenso de contratações e demissões prejudica os ganhos salariais porque os novos operários costumam ser admitidos por salários menores", explica o presidente do CNM. O estudo constatou que a taxa de rotatividade no setor, em 2006, foi de 28,6%, valor considerado expressivo.

Outro problema, diz Carlos, é a diferença de salários entre as regiões. O Dieese constatou que, enquanto no Sudeste um metalúrgico ganha 10% além da média nacional, no Centro-Oeste esse índice é 44% menor que essa média. "Muitas empresas se deslocam de centros industriais para buscar incentivos fiscais e mão-de-obra mais barata", declara. "Os empresários alegam que o custo de vida é menor nessas regiões para justificar os salários mais baixos."

Para reduzir essa desigualdade, Carlos afirmou que, no 7º Congresso Nacional dos Metalúrgicos da Central Única dos Trabalhadores (CUT), que começou ontem (12) e vai até sexta-feira (15), em São Paulo, a categoria vai propor um piso salarial nacional para os metalúrgicos durante as negociações para o contrato coletivo. "Isso vai garantir condições mínimas para todos os metalúrgicos e evitar essa diferença regional que ainda persiste no país", explica. *(Luziane Ximenes e Wellton Máximo) (Agência Brasil, 12.06.2007)*

Brasil Metal internacional é o boletim informativo sobre as questões internacionais que afetam os metalúrgicos brasileiros. Ele é produzido pela Confederação Nacional dos Metalúrgicos – CNM/CUT
Secretário Geral : Valter Sanches internacional@cnmcut.org.br